

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietários: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis.

PEREGRINAÇÃO DE DEZEMBRO 13



Às Mães Rainha Santa

por Moss.

A História é a mestra da vida — repete-se e afirma-se frequentemente esta verdade. E a História de Portugal possui um escol de nobres e lindas figuras femininas, que oferece como mestres exemplares à mulher de hoje, figuras que nos dão magistrais lições de abnegação, heroísmo e até de santidade.

Dentre elas desejo evocar neste momento a figura querida da Rainha Santa tão conhecida, tão amada e venerada pelo bom povo português.

Oriunda de Aragão, ela é todavia mais portuguesa que espanhola, pois foi entre nós que passou a maior e a mais importante parte da sua vida. Veio para Portugal com a idade de 11 anos, tenro e delicado botão que floresce e desabrocha plenamente na sua Pátria adoptiva perfumando-a com o odor das suas heróicas e sublimes virtudes.

Esta grande mulher, grande rainha e grande Santa é bem uma dádiva do Senhor a Portugal menino que então contava apenas século e meio de existência. Coube a D. Dinis, o 6.º rei de Portugal, a dita de receber por esposa a Isabel de Aragão, esposa carinhosa, dedicadíssima e verdadeiramente piedosa que perdoa generosamente os desgostos causados pelo talentoso e bom soberano mas estouvado marido.

Mensageira da paz sabe congraçar os ânimos exaltados do marido e do filho, evitando aos súbditos a calamidade duma guerra civil.

Mãe carinhosa e desvelada dos pobrezinhos que a amam e veneram em seu coração como uma Santa antes que a própria Igreja a elevasse à dignidade dos altares, ela passa por este mundo deixando após si um rasto luminoso de santidade que perdura através dos séculos, um rasto de significativas e formosas tradições.

Passa derramando profusamente por todos os que a rodeiam e que necessitam, as graças do seu amor, do seu perdão, do seu carinho e caridade inesgotáveis. E depois de ter realizado a sua missão de esposa, de educadora, de rainha e mãe de seu filho e dos seus súbditos, vai, após a morte de seu marido, encerrar-se como uma simples monja no Convento de S.ª Clara para aí, no recolhimento do claustro, se entregar inteiramente a Deus, àquele Senhor que lhe dá a força e coragem verdadeiramente sobrenaturais com que vive. E aí termina a sua existência na terra para ir receber no Céu o prémio das suas virtudes e de lá continuar a derramar uma chuva de bênçãos sobre as almas que a invocam.

Coimbra orgulha-se de possuir a inestimável reliquia do seu corpo e a mocidade estudiosa venera e invoca-a fervorosa e confiadamente como sua padroeira e protectora principalmente quando os actos se aproximam...

Rainha Santa! — É o estribilho e

Realizou-se na forma do costume, isto é, com as cerimónias religiosas oficiais dos meses anteriores, a peregrinação mensal de Dezembro, última do ano fíndio.

A manhã, ainda que fria, húmida e um pouco ennevoada, conservou-se sem chuva.

Os actos oficiais efectuaram-se no altar do pavilhão dos doentes, em frente da capela das confissões.

Celebrou o Santo Sacrifício da Missa o Pároco da freguesia da Marinha Grande, rev. P. José da Cruz Perdigão.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria.

A propósito do santo tempo do Advento e da necessidade de os fiéis se prepararem convenientemente para as solenidades comemorativas do Natal do Redentor, falou da necessidade da penitência. Frisou que ela consistia essencialmente no arrependimento e detestação dos pecados cometidos e no propósito firme e eficaz de nunca mais pecar.

Aludiu à pregação do Santo Precursor, S. João Baptista, que recomendou instantemente a prática da virtude da penitência como preparação para a vinda do Messias e à pregação de Nosso Senhor durante a sua vida pública no mesmo sentido.

Referiu-se ainda ao convite que a Santíssima Virgem, por ocasião das suas aparições em

exclamação habitual dos bons habitantes de Coimbra e dos que por lá passaram alguns anos.

Rainha Santa, derramai e insuflai na alma das mulheres portuguesas as virtudes que aureolaram a vossa vida! Ensinai-lhes sobretudo, na hora que passa, a ser verdadeiras esposas e mães, preparadoras duma geração futura capaz de receber e continuar a herança que os nossos grandes antepassados nos legaram.

Lourdes, dirigiu, por intermédio da vidente Santa Bernadette Soubirous, a todos os filhos de Adão para que fizessem penitência, a fim de salvarem as suas almas.

Quási ao terminar a Missa, principiou a chover, mas a chuva cessou durante a bênção, fazendo-se, como de costume, a procissão do «Adeus», como se tinha feito a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Foi o rev. celebrante que oficiou ao *Tantum ergo*, dando a

bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes e a todo o povo.

Os doentes eram poucos, mas o número de peregrinos era relativamente grande e muito superior ao que se esperava.

Houve cerca de mil comunhões.

Terminadas as cerimónias comemorativas das aparições, quando fiéis, na sua grande maioria, já tinham regressado às suas terras, começou de novo a chover, não tendo cessado a chuva até à noite.

Como sempre e, especialmente, nos meses de menor movimento, eram sobremaneira edificantes a compostura, recolhimento e devoção dos peregrinos que, mais uma vez, tinham acorrido ao Santuário Nacional da Cova da Iria para render a homenagem da sua piedade filial, agradecer graças recebidas e implorar novas graças à Augusta Mãe de Deus e dos homens — celeste e Imaculada Padroeira de Portugal. *Visconde de Montelo.*

«JACINTA»

é um dos melhores livros que se têm escrito sobre os acontecimentos da Fátima»

Damos hoje, com a devida vénia, aos nossos leitores a crítica que o Boletim Mensal das Missões Franciscanas e da Ordem Terceira — de Braga fez ao livro JACINTA.

Ao querido amigo P.º Luís de Sousa, que a subscreve e é illustre director da elegante revista, os nossos agradecimentos.

FLORINHAS DE FÁTIMA: JACINTA. — Episódios inéditos das aparições de Nossa Senhora. — Edição do Santuário. — 1938 — 84 págs. (formato grande).

Ao terminar, dum jacto, a leitura deste livro, e com os olhos a quererem toldar-se duma névoa exquisita, veio-nos ao espírito este pensamento: — Ora aqui está um livro que reproduz a paisagem da Cova da Iria, como ela era há 21 anos, com a *Capelinha das Aparições* que lá se ergueu pouco depois...

Com efeito: que é o livro?...

Abre por quatro breves páginas, singelas e desartificiosas, de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, que são bem o pórtico simples e desprezencioso que convém ao livro; e este contém estas duas coisas: o depoimento ou, melhor: as reminiscências

da Ir. Maria Lúcia de Jesus sobre a vida, acções e morte de Jacinta, uma das três videntes da Fátima; e depois a paisagem literária do Rev. dr. José Galamba de Oliveira, illustre professor do Seminário de Leiria.

Ora, o depoimento da Ir. Lúcia é, para o nosso espírito, a... Capelinha das Aparições; a prosa do Rev. Dr. Galamba, — correcta mas sem arrebiques, cuidada, mas sem pretensões — é precisamente a paisagem que convinha às palavras da Ir. Lúcia.

Fátima tem já a sua catedral literária: é o livro magnífico de Antero de Figueiredo; e terá, dentro em breve, a sua catedral monumental, de pedra e cimento. Pois, assim como a futura catedral de N.ª S.ª da Fátima (que a grande fé de S. Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo de Leiria, valendo fazer surgir do solo bemdito da Cova da Iria, que por sua vez se vai transformando a olhos vistos) assim como a sumptuosidade da futura catedral — dizíamos — nunca fará esquecer aos crentes a singela e ineludível *Capelinha das Aparições*, assim a esplêndida catedral literária de A. de Figueiredo não

pode fazer sombra nem concorrência a esta encantadora ermida serrana, erguida no meio da paisagem rústica por duas grandes almas: a humilde Religiosa de Santa Doroteia, e o ilustrado professor do Seminário Leiriense.

Este pensamento traduz o sentir do signatário destas linhas sobre este livro: «JACINTA» é um dos melhores livros que se têm escrito sobre os acontecimentos da Fátima.

Como os nossos leitores sabem Jacinta já vai na segunda edição e no oitavo milhar.

As notícias que de toda a parte nos chegam sobre o bem realizado pela leitura deste livrinho são o mais consoladoras que se pode imaginar.

Preço 5\$00 — Pelo correio 6\$00

Pedidos à Gráfica — Leiria ou ao Santuário de Fátima.

Aos Snrs. Servitas (Homens)

Os exercícios espirituais para os srs. Servitas (homens) principiam no dia 18 de fevereiro próximo, à tarde e terminam a 22, de manhã.

Quem se quiser inscrever, deve dirigir-se ao R. Capelão do Santuário (Cova da Iria).



Macau — Grupo de cristãos da Missão de Nossa Senhora da Fátima. V. notícia na 3.ª página

A PROPÓSITO DO DIA DE REIS

Senhores da Terra vamos a Belém

Dia da Epifania! Dia de Reis! Delatado em pobres palhinhas duma manjedoura de animais, Jesus a todos val trazendo a seus pés, em adoração à sua Divindade e vassalagem à sua Realza. Agora são os Reis do Oriente que, guiados por uma misteriosa estrela, al vêm em demanda do Divino Recém-nascido de Belém, para Lhe prestarem o tributo da sua submissão e Lhe renderem o preito das suas homenagens.

É Jesus proclamado Rei dos reis! Rei pequenino, débil e fraco, é certo, mas o seu reino não terá fim.

Não tem exércitos, nem armas, não faz guerras nem revoluções, mas, ao grito de «Paz na terra aos homens de boa vontade» e só com a doçura irresistível do seu amor, conquistará o mundo inteiro.

Não tem riquezas, é até tão pobre que tem de nascer numa gruta onde só se recolhiam animais, mas o seu reinado dará a paz ao mundo. É que o seu reino é de paz e de amor, de suavidade e doçura. A ninguém força, a ninguém violenta. Não move guerras, nem arma revoluções.

Oh! quem dera que os reis e senhores da terra imitassem este divino Rei...

Mas não; iguais aos outros homens por natureza, muitos deles exageram as suas atribuições e, embriagados com os fumos do seu poderio, chegam a dar-se e a exigir dos outros para si as honras da Divindade.

Daqui passam à divinização do poder e aí temos os súditos a perder a sua dignidade e os seus direitos, carregados só de obrigações e deveres, transformados em vis escravos. Depois dão mais um passo e divinizam também a sua raça e aí temos as infâmias racistas, com os ódios, com as perseguições e com as barbaridades que infelizmente estamos presenciando na Itália e sobremaneira na Alemanha.

Outros minados pela ganância e pela ambição (embora muitas vezes encobertos sob a capa dum falso na-

cionalismo) deixam-se levar, a pretexto dos mais fúteis motivos, por exagerados ideais de conquista, armam-se até aos dentes, arranjam milhares e milhares de aviões, compram muitos canhões e espingardas e vão bater, de armas na mão, à porta de vizinhos que nada lhes devem e de quem nada têm direito de exigir. Com o mais cínico desprezo por aqueles que os consentem no poder, com a mais criminosa indiferença pelas lágrimas aflitivas de tantas mães e esposas, atiram para a guerra com milhares e milhões de homens dispende tirânica e monstruosamente do dinheiro, da vida e da honra do seu povo.

Por isso as guerras são uma ameaça constante para a humanidade, e o mundo anda continuamente sobressaltado com o receio de que uma terrível catástrofe venha de novo ensopear de sangue e envolver no luto e na miséria as pobres nações já agora tão atribuladas.

Não estamos livres de, adormecidos hoje em paz, acordarmos, amanhã, com o troar sinistro do canhão.

Como é triste a vida que o mundo leva em nossos dias, e como ela seria feliz se os potentados seguissem antes a lição do presépio...

Nos tempos revoltos que vamos atravessando, em que só se ouve falar em guerra, muita importância se liga aos encontros dos homens de poder uns com os outros, para em demoradas entrevistas conferenciarem sobre a paz que toda a gente quer, sem haver maneira de a encontrar.

Para resolver o conflito entre a Alemanha e a Checoslováquia — conflito que esteve prestes a lançar mais uma vez o mundo no vulcão infernal da guerra — reúniram-se «Os Quatro» em Munique; Depois deste, houve ainda vários encontros em Paris, Roma Londres e Berlim. No entanto a paz continua doente...

E se houveses um encontro em Belém, junto do divino Rei do Presépio?...

da sua existência. Não. Foi sempre o mesmo até ao fim.

Pode essa religião ser santa e verdadeira, tendo por fundador um impenitente escandaloso?

E os frutos imediatos da doutrina protestante foram tão perniciosos, que, por eles se pode avaliar da excelência da árvore que os produziu. Pode crer-se, dada como necessária uma reforma na disciplina da Igreja de então, que Deus enviase para esse fim tal reformador? E podia essa reforma, por muito boa que fosse, fundar nova religião, nova igreja, declarando que a única existente desde os tempos apostólicos, fundada pelo próprio Jesus Cristo, caíra no erro, mesmo contra a palavra sagrada e infalível do Salvador, que afirmou claramente, com toda a força do seu poder: «eu estarei convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos» e «as portas do inferno não prevalecerão contra Ela», a igreja que acabava de fundar sobre e sob Pedro, e à qual chamou «a minha igreja» e não as minhas igrejas! Se Cristo prometeu estar com os que haviam de pregar e guardar a sua doutrina, com a Igreja, até à consumação dos séculos e todos os dias, é fora de dúvida que esteve, está e estará. E se Jesus está sempre com eles e afirmou que as portas do inferno nunca prevalecerão contra a Igreja, como poderia ela cair no erro, desaparecer?! Ou o poder de Jesus mudou!?

Se o Salvador veio ao mundo ensinar-nos e ensinar-nos a sua doutrina, que é a chave do céu para a humanidade inteira, tinha o dever de caridade de no-la deixar segura, verdadeira, una, sem erro, até ao fim dos tempos. Doutra forma como nos poderia julgar por ela se todos os seus ensinamentos ficassem sujeitos ao erro dos homens, se nada garantisse as gerações vindouras que a doutrina verdadeira, nunca se deturparia, e seria conservada sempre pura, através de todas as contingências humanas? Então, onde estava a utilidade da pregação de Jesus? Como o havíamos de seguir? Como saber onde estava a sua Verdade, que é só uma?

Cristo bem sabia que, se os seus ensinamentos ficassem entregues e abandonados ao arbitrio dos homens, se deturpariam. Porisso nos foi afirmado categoricamente: «eu estarei convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos». E o erro, o mal, as portas do inferno, não prevalecerão contra a Igreja de Jesus. Assim, seremos julgados com inteira justiça se buscarmos fora dela a Verdade de Deus, se não praticarmos a sua verdadeira doutrina.

Pois que? Então a palavra de Cristo «passou»? Deixaria Jesus de estar, como prometeu, todos os dias, vigilante e presente, cumprindo a sua palavra que «nunca passará», presidindo ao trabalho da sua Igreja?

Por quem tomam, então, os protestantes a N. S. Jesus Cristo?! Pois só aceitando o pensamento, blasfemo, de que a palavra do Senhor «passou» e de que Jesus deixou de estar com a Igreja, e portanto, faltou à sua palavra, essa Igreja podia errar, desaparecer!

Só há uma Igreja, um baptismo, uma Fé e uma doutrina, como há um só Deus Verdadeiro. E a única Igreja é a fundada por Jesus sobre e sob Pedro, aquela à qual Ele chamou «A Minha», confirmada na Unidade pelo Salvador e presidida por ele, «todos os dias até à consumação dos séculos». A Igreja católica.

Maria das Flores



O país que menos «porto» bebe é Portugal! Vendemos aos estrangeiros o vinho dos vinhos, o mais salutar e tónico, o melhor do mundo! Francamente, é tempo dos portugueses beberem «porto»

Movimento religioso durante o ano passado

Realizaram o seu Casamento no Santuário da Fátima no ano de 1938

O sr. João Augusto de Matos Abreu, com a sr.ª D. Maria Cezarina de Matos Viegas e Campos.

O sr. José António Pereira com a sr.ª D. Emília da Encarnação Henriques.

O sr. José Alves Bento, com a sr.ª D. Maria Helena Sant'Ana Marques.

O sr. David de Oliveira Neves, com a sr.ª D. Maria José Alves Pereira das Neves.

O sr. Adelino Rodrigues da Costa, com a sr.ª D. Maria de Lourdes Firmino.

O sr. João Anjos Vaz, com a sr.ª D. Branca Domingues dos Santos Forte.

O sr. Adelino Dias Simão, com a sr.ª D. Maria de Lourdes da Silva Pereira.

O sr. Manuel Coelho Monteiro de Langa Cordelro, com a sr.ª D. Maria José Inês da Silva Botas.

O sr. dr. Daniel Simões Lucas de Carvalho, com a sr.ª D. Lúcia Henriqueta Saraiva Ferrão.

O sr. dr. Carlos Ferrer Mondada, com a sr.ª D. Isabel Maria Augusta da Silva.

O sr. Emídio Cupertino, com a sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Alves.

O sr. João António dos Santos Farraia, com a sr.ª D. Maria do Rosário Godinho de Maia Mirrado.

O sr. dr. José Esteves Gaspar de Carvalho, com a sr.ª D. Ida Biscala Rabaça e Silva.

O sr. João Rodrigues Trancas, com a sr.ª D. Maria Fernanda Vieira Rodrigues.

O sr. Henrique Lopes de Sousa, com a sr.ª D. Iria Felícia de Oliveira.

O sr. António Barata Garcia com a sr.ª D. Maria do Carmo Garcia de Carvalho da Fonseca Travassos.

O sr. Augusto António Frazão com a sr.ª D. Alexandrina Emília Antunes.

O sr. José Adrião Rebêlo Malfeto, com a sr.ª D. Susana Pomares Godinho.

O sr. Júlio Marques Poças, com a sr.ª Dona Lídia da Apresentação Tórrés de Sá.

O sr. Sebastião Alves Martins, com a sr.ª D. Catalina Cardoso Pires.

O sr. António Pinto do Amaral, com a sr.ª D. Estefânia Graça Medley Pina.

O sr. António Martins da Fonseca, com a sr.ª D. Augusta Lopes da Cunha Osório.

O sr. António Estrela dos Santos, com a sr.ª D. Lucinda Marques Diamantino.

O sr. José Luís de Sousa, com a sr.ª D. Ana Joaquina Soares da Gama.

O sr. António Carlos de Azevedo Ghira, com a sr.ª D. Ismênia de Carvalho.

O sr. António Maria Rodrigues, com a sr.ª D. Maria Amélia Rodrigues Costa.

O sr. Adalberto Augusto de Portugal, com a sr.ª D. Lucinda Eugénia Caria.

O sr. Luís Rodrigues Pereira Genz, com a sr.ª D. Adelaide da Conceição.

O sr. António Hermínio Godinho, com a sr.ª D. Maria José de Almeida Rebêlo.

O sr. Rui Franco Fernandes Correia, com a sr.ª D. Maria Celeste Mendes José.

O sr. António Henrique Ferreira Chaves, com a sr.ª D. Helena do Carmo Sousa.

O sr. Joaquim Pais dos Santos, com a sr.ª D. Maria Augusta de Matos Andrada Neves Bellez.

O sr. Alexandre da Fonseca Tavares, com a sr.ª D. Olímpia de Oliveira Leitão.

O sr. José Rabaça Fraga, com a sr.ª D. Maria da Graça Morais Biscala.

O sr. dr. Acácio Augusto Cardoso de Gouveia, com a sr.ª D. Maria José Borges Artlaga.

O sr. Jacinto de Almeida Fer-

reira Durão da Silveira, com a sr.ª D. Maria Emília da Conceição Nobre.

O sr. Joaquim Braz de Sousa, com a sr.ª D. Júlia Trindade de Campos.

O sr. José da Martinha, com a sr.ª D. Beatriz de Jesus.

O sr. Henrique Velga de Macedo com a sr.ª D. Alia Serra da Silva Campos Neves.

O sr. José de Sousa Santana Marques, com a sr.ª D. Helena Martins Ruivo.

O sr. Avelino da Silva Bragança, com a sr.ª D. Maria Luísa da Cunha e Sá Abreu.

O sr. Raúl Ferreira de Sousa com a sr.ª D. Palmira de Oliveira de Sousa.

Baptismos no Santuário da Fátima no ano de 1938

Maria de Lourdes Paixão de Lima, filha de Licínio Maria Gomes de Lima e de Ilda Mimosa Nina Paixão.

Maria Manuela, filha de António Guedes Correia de Campos e de Dona Ivone Maria Tojéiro Quintão Guedes de Campos.

Júlio António Calola Benneville, filho de Jean Henri Benneville e de Ana Maria Berneaud Calola Benneville.

José Pomares Cardigo Godinho, filho de Raúl Luizelo Cardigo Godinho e de Dona Antónia Pomares Godinho.

Maria Madalena Rodrigues Morais Pequeno, filha de Clotário António da Silva Morais Pequeno e de Dona Maria José Rodrigues Morais Pequeno.

José Joaquim, filho de Joaquim Fernandes Ferreira Simões, e de Dona Maria da Conceição Matias Matos Viegas.

José Eduardo, filho de António Borges Barbosa e de Dona Maria Eduarda Borges Artlaga.

Maria do Rosário Pinto Correia Guerra, filha de António Ribeiro Guerra e de Maria Luísa Pinto Correia.

José Manuel, filho de Manuel Antunes Mendes e de Dona Maria Adelaide Meira e Niza Antunes Mendes.

Mário Augusto Fagulha Nunes, filho de Augusto Guilherme Nunes e de Dona Maria de Nazaré Antunes Fagulha Nunes.

Maria da Graça Velga Bonacho dos Anjos, filha de Gaspar Fontes Pereira de Melo Bonacho dos Anjos e de Dona Maria Manuela Velga Bonacho dos Anjos.

Exercícios Espirituais

Houve catorze turnos de exercícios:

Um para os Ex.ªs Srs. Bispos; um para o Rev. Clero de Leiria; um para o Rev. Clero de Évora; um para o Rev. Clero de Beja; um para o Rev. Clero de Portalegre; um para os srs. Servitas; um para as sras Servitas; um para as Irs. Terceiras Franciscanas; um para os rapazes da JEC; um para médicos, advogados e juristas; dois para as raparigas da A. C. de Leiria; um para os rapazes da A. C. de Leiria e um para os homens da A. C. de Leiria.

Cursos de Moral Cristã

Para os srs. Professores de Ensino Primário houve cinco cursos de moral cristã sendo três para o Patriarcado e dois para Leiria.

Têrço e Bênção

Em todos os dias se recitou o têrço do Rosário diante do SS.ª exposto, seguindo-se a Bênção.

Missas e comunhões

Além da Missa diária e das duas dos domingos (uma às 8 h. e outra às 11), muitas outras se celebraram principalmente nos dias 13.

A média das comunhões diárias, não contando os dias de peregrinação, foi de 55.

O Protestantismo

Terminámos o pequeno estudo sobre Lutero, o fundador do Protestantismo.

Passou como um génio mau, levantando a discórdia, dividindo, espalhando o ódio e fomentando a guerra. Toda a sua vida foi um escândalo contínuo, até para os próprios discípulos e amigos.

Excitados por ele aos brados de «esbordei, degolai e matai quanto puderdes» — os reis e povos daquele tempo envolveram-se em lutas fratricidas. Só no decorrer dum ano houve cem mil vítimas! (Menzel-Lutero. Contra os camponeses rebelados).

A sua doutrina falsa, cheia de contradições, conspurcada pelos erros mais grosseiros, originou uma vaga monstruosa de violências, de crimes e devassidades. Os protestantes mais sinceros e ilustres, falando dos ensinamentos do fundador, referiram-se à enchente de vícios e de crimes suscitada por essas doutrinas. O próprio Lutero, perturbado à vista de semelhantes frutos, escreveu a Catarina Bore, a pobre freira que ele perdeu, exortando-a a fugir (!) de Wittemberg em face da devassidão que ali reinava!

Casman, piedoso protestante, no livro que assinou, já moribundo — Turpitudo hominum... — lastima dolorosamente que a corrupção geral tanto tivesse alastrado, que o vício, o mais infame, não era já tomado como tal: «O adultério tornou-se objecto de graça; e o mais abominável dos vícios — a sodomia — está derramado até entre aqueles que se dizem chefes da nossa igreja (protestante) e soberanos directores da religião e da Fé».

A doutrina de Lutero sobre o celibato e o casamento, contém tais obscenidades e misérias, que os pro-

testantes se viram na necessidade de a rejeitar em parte e até tentaram modificá-la, como medida de saneamento moral, na ânsia de pôr cõbre à onda de lama que alastrava pela Europa! O piedoso protestante Plank assim o diz: «tem havido muitos que se têm esforçado, inutilmente, por falsificar a história a respeito das convicções de Lutero».

E que a verdade sobre elas não se pode dar a conhecer!...

Ide ver se os actuais protestantes se regulam e seguem a doutrina do fundador!...

E era essa a doutrina verdadeira! Era a verdade trazida e implantada pela Reforma! Tão boa que foi preciso modificá-la, reduzi-la e até procurar manter na ignorância as suas bases, como fazem os seus sectários; tão firme que logo ao nascer variou e continua a variar até ao inconcebível. Fundada no orgulho, alimentada pela cobiça e pela devassidão, implantada a ferro e fogo, é mantida hoje à força de dinheiro e de cómodos deveres...

A medonha morte de Lutero, foi o lógico remate da vida pecaminosa deste reformador, que nunca se reformou a si próprio! Do primeiro pecado chegou ao mais abjecto relaxamento e, conta o protestante Plank «uma doença levou Lutero ao fim dos seus dias; doença que provinha de não poder mais o seu corpo servir de asilo a uma alma desde muitos anos dilacerada pelas paixões mais vis». Hist. da Ref.ª 1816, pág. 507.

Morreu desesperado e blasfemando até ao fim, e as suas últimas palavras foram ainda um acto de impenitência. Este é o mestre e fundador da religião protestante. Não foi um pecador que se arrependeu e mudou de vida em qualquer altura

Graças de N.ª S.ª da Fátima

NOTA: — Não deve causar estranheza o facto de haver demora na publicação dos relatórios das graças enviadas à Redacção da «Voz da Fátima», porquanto, dispondo este jornal de um espaço tão reduzido, e sendo tantos os pedidos de publicação, só passados alguns anos chegará a vez a cada um.

NO CONTINENTE

Da Directora do Colégio de N.ª S.ª da Paz — Anadia, recebeu-se em Agosto de 1935 a carta seguinte: — «Venho cumprir a promessa que todas fizemos de publicar na «Voz da Fátima» uma graça temporal que só atribuímos à valiosa protecção de N.ª Senhora da Fátima.

Ao aproximar-se a época dos exames das nossas alunas, invocámos em favor das mesmas a protecção de N.ª S.ª da Fátima supplicando-lhe a graça de todas elas ficarem aprovadas. Na realidade assim aconteceu, graça esta que aqui desejamos publicar».

D. Luciana Costa — Bunheiro — Murtesa, diz: — «Venho pedir o favor de publicar no jornal uma graça que obtive de Nossa Senhora da Fátima. Foi a cura rápida de uma pessoa de família, que sofria de uma grave doença na garganta, e a quem os médicos diziam que, só por milagre, ou por meio de uma operação, aliás duvidosa, se poderia curar. Um dos vários médicos que consultou, dizia que a doente tinha tuberculose na laringe.

Depois de vários tratamentos sem resultado, Nossa Senhora fez-me a grande graça de a curar em pouco tempo e sem que a operação chegasse a ser feita. Ando já a trabalhar há muitos meses e sente-se perfeitamente bem, segundo diz.

Na mesma ocasião obtive para a mesma pessoa uma importante graça espiritual que aqui também desejo agradecer para honra e glória de Deus e de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Isabel Gouveia — Pórtio, diz ter recebido de N.ª S.ª da Fátima 2 favores que aqui deseja publicar e agradecer: — «Minha filha Maria Amélia, diz, encontrava-se gravemente doente, e, consultados vários médicos, todos afirmaram tratar-se de um caso perigoso, não se responsabilizando pela operação a que tinha de sujeitar-se. Invocámos o auxílio de Nossa Senhora, e, graças a Ela, a operação correu bem, e minha filha ficou completamente curada e continua bem há já alguns anos para cá.

Meu neto Fernando, foi atacado de meningite. Esgotados os recursos da medicina, os médicos perderam a esperança de o salvar. Quando o vimos já quasi moribundo, recorremos confiadamente a Nossa Senhora da Fátima, e foi esta Mãe bondosa quem, por meio da água do seu Santuário, operou esta quasi ressurreição! Hoje, o meu neto, segue os seus estudos sem algum dos defeitos que, quasi sempre lega, a terrível meningite. Venho, pois, cumprir a minha promessa, publicando estes 2 favores pelos quais quero render continúas graças e louvores a N.ª S.ª da Fátima».

D. Maria Emília da Silva Fonseca — Foz do Douro, deseja agradecer a N.ª S.ª da Fátima a cura de duas doenças que muito a fizeram sofrer. Hoje, diz encontrar-se completamente bem por favor de N.ª Senhora da Fátima a quem se entregou durante o grave período dos seus sofrimentos.

D. Maria de Oliveira Vaz — Fiães — Feira, diz ter tido o seu filho Elyso gravemente doente e sem o poder tratar por falta de recursos materiais. Invocada Nossa Senhora da Fátima em seu favor, o doentinho obteve a cura inesperada e rápida com grande admiração do médico que o tratava.

D. Ermelinda Ferreira Machado — Guimarães, entregou na Fátima uma mensagem de gratidão a N.ª Senho-

ra donde extraímos os períodos seguintes:—«Há meses nasceu-me um quisto que requereu intervenção cirúrgica. Recorri ao hospital de Guimarães, onde médicos abalizados e enfermeiros dedicados me operaram. A operação decorreu bem, e havia esperanças de que iria ficar curada.

Passados tempos, a ferida agravou-se e obrigou-me a aturados e dolorosos sofrimentos. Semanas e meses a êles me tive de sujeitar. Foi resolvido que novamente me operassem. Quasi descrente da ciência recorri então a vós, ó Virgem da Fátima! Pedi-vos me curásseis sem novos tratamentos e experiências. Pedi-vos com fé, devoção e esperança. Ouvistes-me! Abençoada sejais, Senhora!

Venho hoje visitar-vos ao vosso Santuário, agradecer-vos a cura que por vós obtive e pedir-vos vossa protecção e amparo».

José Rosa de Figueiredo — Pazes da Beira, agradece a N.ª S.ª da Fátima, uma graça alcançada por sua intercessão, com a promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima».

D. Joaquina Mendes Salgado — Guimarães, diz: — «Tendo obtido por intermédio de N.ª S.ª da Fátima uma graça de que muito necessitava, venho pedir a sua publicação, como prometi, para honra e glória de Nossa Senhora e satisfação da minha promessa».

D. Cecília de Jesus Mestre — Faro, deseja manifestar aqui o seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima pela concessão de uma graça espiritual em favor de um seu primo em grave perigo de vida.

D. Inês de Castro Seixas — Marzagão — Carrezoda de Anciães, com sua irmã, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça espiritual concedida a seu pai. Havia já quatro anos que pediam tal favor para bem de seu pai a quem muito queriam. No dia em que em sua casa foi feita a entronização do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Fátima alcançou-lhes do Céu o despacho do pedido que, com tanto interesse, desejavam fosse atendido.

Chegou-nos de Lisboa, a 25 de Agosto de 1935, a seguinte carta, com o pedido de publicação: — «Há cerca de um ano que, motivado por uma canelada, fiz numa perna uma ferida que, dia a dia, se agravava, não só profundando mas alastrando cada vez mais, a pesar do tratamento que em casa lhe fazia diariamente. Vendo que ela não cedia ao tratamento, e alarmado já com o caso, pois já não podia trabalhar, fui a um médico que me prescreveu um repouso e a aplicação de diversos remédios, precauções estas que eram necessárias não só por causa da ferida como também pelas varizes que tinha na mesma perna e que se apresentavam com má aparência. Sabendo já por experiência própria que todos os que recorrem à Virgem da Fátima são sempre atendidos, novamente me dirigi a Ela solicitando-lhe a minha cura e a possibilidade de poder continuar a minha vida normal.

As lavagens diárias que fazia à ferida, comecei por adicionar um pouco de água do Santuário da Fátima, e, passados muito poucos dias eu estava completamente bem, sem chegar a ter tomado o repouso que o médico me havia prescrito.

(a) Clementino Alves -Toureaes-

D. Laurinda F. Neto — Paredes, pede a publicação dos seguintes dizeres: — «Tendo visto em perigo de vida um meu filho de 6 anos, em virtude de uma infecção grave que lhe sobreveio após um ferimento no crâneo feito com instrumento cortante por outra criança da mesma idade, recorri à N.ª S.ª da Fátima para que intercedesse pela cura de meu filho que todos julgavam perdido. Nossa Senhora dignou-se atender as minhas súplicas melhorando-o ra-

pidamente. Agora, que tenho o meu filho completamente são, desejo tornar pública esta graça por meio do jornalzinho da Fátima, conforme prometi, para maior honra e glória de Nossa Senhora que se dignou despachar o meu pedido».

Henrique Nascimento — Setúbal, enviou à «Voz da Fátima» diversos dizeres, entre os quais se encontram os seguintes períodos: — «Aproveito a oportunidade para rogar o favor de mandar publicar na «Voz da Fátima» uma grande graça que a Virgem Santíssima se dignou conceder a minha mulher Etelevina Nascimento, dando-lhe milagrosamente a cura de uma grande enfermidade que teve na visícula e da qual se acha restabelecida. Em prova de sincero reconhecimento à nossa boa Mãe do Céu prometi publicar esta graça pelo extraordinário favor que alcancei».

D. Teresa de Jesus Narciso — Vila Ruiva, diz ter estado prestes a morrer por ocasião de um parto difícil. O filho que estava para dar à luz tivera de ser extraído pelos médicos. A mãe ficara em estado gravíssimo e fôra levada para Lisboa para ali ser tratada. Estivera lá durante algum tempo, mas as melhoras não se faziam sentir. Desanimada, saiu, e veio para sua casa entregando a Nossa Senhora a sua cura e o seu restabelecimento. Estava em casa havia apenas 4 dias, diz, quando começou a achar-se melhor. As forças e o bem-estar aumentavam de dia para dia, e pouco depois, diz, encontrava-se completamente curada e perfeitamente bem.

D. Maria Brandão Monteiro — Vilar — Pórtio, agradece a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado duas graças temporais.

D. Carolina Malheiro de Lemos — Lagoas, diz: — «Por intercessão de S. José, alcançei de Nossa Senhora da Fátima a saúde de minha irmã Elvira, pelo que muito louvo, e agradeço a meus celestes protectores pela concessão de tão importante favor».

NO BRASIL

Américo Baptista da Silva Araújo, residente no Pará, mas natural de Braga oferece uma esmola ao Santuário da Fátima, reconhecido a uma graça que Nossa Senhora lhe concedeu e com seus irmãos manda celebrar uma missa.

Novena do Beato João de Brito

(26 de janeiro a 4 de fevereiro)
No dia 26 de janeiro vai começar a Novena do Beato João de Brito.

Este jornalzinho empenha-se numa maneira especial pela sua realização porque parece que o Céu se compraz em associar o culto do Bem-aventurado ao culto de Nossa Senhora.

De facto, muitas das graças recebidas do Beato João de Brito foram-no por intermédio da Senhora do Rosário da Fátima. É caso para dizer *defunctus adhuc loquitur*: — como Religioso Santo da Companhia de Jesus, o Beato João de Brito vai continuando a pregar as glórias de Maria, sendo uma das maiores, sem dúvida, a Mediação Universal da Senhora.

Daí o tal empenho especial que a «Voz da Fátima» tem nesta Novena, que este ano, como o ano passado, vai ser feita, com entusiasmo e fervor em muitas Paróquias de Portugal, em todas as Casas Religiosas e por grande número de fiéis, em particular.

Que a Senhora abençoe tantas súplicas e apresse a canonização do Grande Missionário e Mártir Português!

O CULTO DE N.ª SENHORA DA FÁTIMA ATRAVÉS DO MUNDO

Da esplêndida revista «Boletim da Diocese de Macau» n.º 316 de Novembro passado extraímos com a devida vénia os seguintes dados a respeito do desenvolvimento da missão de Nossa Senhora da Fátima em Macau.

Missão de Fátima — Foi estabelecida, em 15 de Maio de 1930, no novo Bairro, *Tamagnini Barbosa*, na circunscrição e dependência da paróquia de S.º António.

Além da capela, onde se celebra missa todos os domingos e dias santos, há ali três residências para o pessoal da Missão, e duas amplas escolas, frequentadas por 140 crianças dos dois sexos, sendo todas ainda pagãs à excepção de 25.

O pessoal da Missão consta de um professor e uma professora, marido e mulher aí convertidos, uma catequista e uma enfermeira, que já entregou o passaporte para o Céu a umas 80 crianças do Bairro, baptizadas por ela, em perigo de vida.

O número actual de cristãos neste Bairro é duns 150 tendo sido 90 destes baptizados solenemente nesta Capela de Nossa S.ª da Fátima. Há também algumas famílias catecúmenas. Na véspera do próximo dia 13 de Outubro receberá o baptismo uma família completa, marido e mulher e dois filhos.

A manutenção do pessoal desta missão é custeada, parte pela freguesia de S.º António, e parte pela generosidade de algumas Senhoras macaenses, que desde o início a vêm auxiliando com um donativo mensal.

A construção da capela, escolas e residências, incluído o muro de vedação, custaram a avultada soma de \$13.000.00.

Com o pessoal, nestes oito anos, foram gastas \$5.280.00.

O mobiliário das escolas, capela e residências avaliamos-lo apenas em \$500.00. A despesa total, empregada na Missão de Fátima, é pois de \$18.500.00, soma esta, a que podemos chamar, atendendo aos inumeráveis rasgos de caridade que ela representa, uma das raras Maravilhas de Nossa Senhora da Fátima, em Macau.

Abençoadas esmolas que tantos benefícios temporais e espirituais têm dispensado e continuarão a dispensar às 600 famílias do novo Bairro, *Arthur Tamagnini Barbosa*.

Passava todos os invernos de cama devido ao reumatismo

A-pesar-de contar apenas 20 anos

Uma jovem de Tomar conta-nos que, a-pesar-de ter apenas 20 anos, vinha sofrendo de reumatismo havia 5 ou 6. Atacava-a geralmente nas pernas e, todos os invernos, durante algumas semanas, ficava impossibilitada de se levantar da cama, pois inflamavam-se-lhe os joelhos e os tornozelos. No último inverno, após um ataque forte, começou a tomar os Sais Kruschen e nunca mais, desde então, teve sequer um novo ataque de reumatismo, graças ao maravilhoso remédio.

Sabe o que dá causa ao reumatismo? Apenas as pontas aguçadas dos cristais de ácido úrico que se formam em consequência do relaxamento dos órgãos de eliminação. Os Sais Kruschen estão naturalmente indicados para libertar o organismo dos terríveis cristais. Os numerosos sais minerais que entram na composição de Kruschen, dissolvem completamente os cristais de ácido úrico.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

Este número foi visado pela Censura

O RECREIO

Dos jornais. Um feixe de notícias.

Lourdes: Durante uma peregrinação Nacional Francesa foram registados 5 casos de curas miraculosas. O 1.º é o de Auguste Carrière, de 40 anos, casado, agricultor em Murret, Alto Garona. Sofria do terrível Mal de Pott, fôra operado durante o ano, em Toulouse, e ia fazer nova operação.

Chegou a Lourdes metido num colete de gesso. Sendo levado 3 vezes à gruta e à piscina, levantou-se, começou a andar e, radiante, atirou fora o colete de gesso. O 2.º caso é o de Jeanne Shedic, 18 anos, tuberculosa, em tratamento no Sanatório de Chanilly de Paris; o 3.º é o de Maria Naves, 27 anos, atacada do Mal de Pott, em tratamento no Sanatório de Posaac, Gironda; o 4.º é o de Ivonne Mignon, em tratamento no Hospital das Sete Dores, há muitos anos vítima do mesmo mal; e finalmente o 5.º é o de Julieta Desmont, hospitalizada em Paris, que sofria de peritonite tuberculosa e que chegara a tal estado que teve de ser sacramentada.

Todos estes doentes se declararam curados e a Repartição das Verificações registou as curas. Mas, com a sua habitual severidade, só dentro dum ano, se as curas se mantiverem, e depois de comprovações científicas, serão confirmados os milagres.

Glória a Nossa Senhora!

Um belo testemunho de Fé: Na Diocese americana de Newark, Instituto há pouco o Prelado diocesano uma «Associação de Advogados Católicos». Conta ela já 800 filiações que há dias se reuniram em «Retiro espiritual» sob a presidência do seu Prelado, Mons. Tomás Walsh.

Ao encerrar o «Retiro» o Bispo celebrou Missa na catedral de S. Patrício e deu a comunhão áquelles 800 advogados, santamente orgulhosos da sua tão formosa e nobre afirmação de Fé.

M. das F.

Voz da Fátima

| DESPEZA | |
|--|----------------------|
| Transporte | 1.709.341\$70 |
| Franquias, emb. transportes do n.º 195 ... | 5.000\$18 |
| Papel, comp. e imp. do N.º 195 (370.000 ex.) | 16.884\$48 |
| Na administração ... | 126\$80 |
| Total | 1.731.353\$16 |

DONATIVOS DESDE 15\$00

José Magalhães — Avôes, 20\$00; Francisco Teodósio — Santarém, 20\$; José G. Ramada — Cova da Iria, 20\$00; António Monteiro — S. Cruz do Douro, 20\$00; Joaquim Sequeira — Brasil, 50\$00; Distrib. por Joaquim Sequeira — Brasil, 400\$00; Abel Gonçalves Freitas — Brasil, 1.000\$00; Karla Gomes — Ubá, 20\$; Maria Emília — Espilgão, 20\$00; por meio do Colégio Sacré Cœur de Marie — Ubá, Brasil, 415\$00; João Goulart — Açores, 20\$00; Maria Ferreira — Açores, 20\$00; Ana Goulart — Açores, 80\$00; Júlio A. Assis — Macau, 100\$00; Amélia Gomes — Mafra, 20\$00; Maria Bivar — Portel, 20\$00; Manuel D. Lage — Arruda dos Vinhos, 20\$00; Maria A. Cardoso — Angra, 38\$00; Olinda Eugénia — Pórtio, 20\$00; N.º 1466 — ? 15\$00; Palmira Salomé — Biscoitos, 20\$00; M.ª Filipe Príncipe — Lisboa, 20\$00; Elvira Canedo — Lisboa, 20\$00; M.ª Vieira Vivo — Califórnia, 1 dólar; António Lima — Califórnia, 2 dólares; Ana Rosa Fialho — Moura, 23\$50; Augusto Macedo — Lisboa, 20\$00; José F. Lima — Mascoteles, 50\$00; M.ª Augusta Almeida — Touça, 31\$20; Adelino Campos — Buenos Aires, 20\$00; Eduardo Brito — Damão, 40\$40; Maria Alda Xavier — Damão, 80\$80; Zelmira Sousa — Damão, 40\$40; Olívia Brandão — Ovar, 20\$00; dr. Angelo Tavares — Redondo, 24\$00; Isabel Martins — América, 1 dólar; Manuel Brilhante — Lisboa, 20\$00; José D. Prêsa — Pedra 20\$00.

Crónica Financeira

Foi sempre opinião do signatário destas linhas que o problema da ordem na Europa se não resolveria enquanto não fosse resolvido dentro da França. Foi da França que a desordem alastrou pelo mundo, embora não fosse a França a sua pátria de origem. A causa profunda da desordem que perturba a vida moderna, foi o Protestantismo e este é oriundo da Alemanha. A Revolução Francesa tem filiação directa nos princípios do Protestantismo e ela foi a grande propulsora das ideias subversivas que agitaram e revolveram o mundo durante o século passado e o presente. Desde a grande e hedionda Revolução que a França é o foco por excelência das ideias destruidoras. Toda a vida oficial da França girava em volta duma espécie de religião laica de que a maçonaria era a igreja.

A própria política externa da França era feita através da Maçonaria. Durante século e meio quasi sem interrupção que os sucessivos governos franceses foram preparando com tenacidade diabólica não só separar a Igreja do Estado, mas arrancar a Nação à Igreja. E esse objectivo foi um facto alcançado porque grande número de franceses vive em completo desconhecimento da Igreja. A desordem em França chegou a profundezas incalculáveis...

E contudo enquanto a desordem não for vencida em França, não será vencida na Europa e no Mundo. Mas parecia que a França receava o choque com as forças do Mal e todas as vezes que era obrigada a enfrentá-las, preferia ceder terreno a dar batalha.

Mas esta política oportunista não podia eternizar-se porque os estragos eram cada vez maiores, tanto na riqueza particular e pública, como no prestígio da nação. Rivais poderosos e ávidos surgiram de dentença arreganhada, não só às suas portas, mas nas paragens longínquas do Extremo Oriente. Perigos de guerra imminente sucederam-se com vertigi-

nosa rapidez. A França sentiu a necessidade de ser forte para defender não só o seu prestígio de grande nação, mas a própria vida e haveres dos seus filhos. E para ser forte, a França tinha de dar combate à desordem.

Choque entre as forças da Ordem e as da Desordem tornou-se inevitável pela força das próprias coisas. Não foi o juízo dos homens que preparou a batalha e a tornou inevitável; foi a força dos acontecimentos, foi o próprio destino, foi a Providência. Com o pretexto de que os decretos-leis do ministro das Finanças o grande economista Paul Reynaud eram contrários às regalias que o Governador Blum dava às classes trabalhadoras (o que era falso) a Confederação Geral do Trabalho decretou a greve geral para o dia 30 de Novembro passado. Esperavam as forças do Mal que o Governador recusasse perante a ameaça... O Governador, porém, aceitou a luta e preparou-se enérgicamente para o combate. A greve geral anunciada redundou em tremendo fiasco e a vitória do Governador foi completa.

Foi esta a primeira batalha séria que as forças de Ordem travaram em França com as da Desordem e a derrota destas foi completa. Seria decisiva? É de crer que não. A guerra continuará ainda, porque as forças do Mal têm por aliadas todas as paixões humanas e a força destas é diabólicamente grande. Mas a vitória final das forças da Ordem ficou assegurada neste primeiro combate. A grande arma ofensiva do Comunismo — a greve geral — mostrou-se totalmente ineficaz. Perante a energia do Governador, as malhas da organização revolucionária ficaram reduzidas a inofensiva teia de aranha que a força armada varreu sem custo para os barris do lixo.

A grande e decisiva derrota do Bolchevismo foi esta. Os dias do imperialismo moscovita estão contados.

Pacheco de Amorim

O Baptizo do Manel

—Eia!... Co'a breca!... Onde vem já a água!

A leztria não era mais que um lençol pardacento, enrugado pelo nordeste que soprava vivo, e marulhando alguns breves delictivos. Ao longe, a indicar a margem do rio, emergia uma fileira de copas de árvores, de braças nuas, erguidas como a implorar clemência do céu carregado de nuvens ameaçadoras.

O Zé Campino, à porta da sua casita construída numa pequena elevação agora transformada em ilha, franzia o sobrolho preocupado. Na véspera conduziu ele próprio o resto da manada para a quinta do patrão, da banda de lá de Almeirim, mas recusara-se ainda a abandonar a casa e voltara na água que já em certos sítios, de água pelo joelho, fôra difícil de governar.

—Então... vamos... pai?

Timidamente um rapazito de oito ou nove anos metia a cabeça entre a ombreira da porta e a cinta do maioral misturando o cabelo revoltado com o pêlo da jaqueta do pai.

—Estás morrendo por ir pra quinta, bem te percebeo, resmungou o homem. E o caso é que não lhe vejo outro jeito...

O barco, a dois passos, amarrado a uma oliveira, boiando já de um lado, parecia mesmo convidar para a abalada.

Não era pela estada na quinta durante alguns dias que o Zé Campino se arreliviava. Aquilo era bonito e quasi que tinha lá melhor conchêgo do que em casa desde que a mulher lhe faltara. O patrão era bom homem e a senhora também não era ruim, mas tinha lá encasquetada a mania da religião e ele nem sempre estava de maré para lhe ouvir os arrazoados. Lo-

go que tinha ido para a leztria com a mulher e o filho tinha sido uma pregação porque queria que eles se arrecessem na Igreja e levassem o cachopo ao baptizo. Pouco depois a mulher adoecera e doença fôra ela que a levava à cova. Pois a patroa não descansara enquanto lhe não levava um padre que a bem dizer num ai despachava tudo e eles casavam sem mais aquelas. E — verdade seja — a sua Rita morrera consoladinha.

Agora, na quinta, já sabia que tinha que ouvir se não promettesse deixar lá o rapaz a preparar-se para ir à pia baptismal.

Sim, boa criatura, confessava de si para si o Zé Campino. Dava muitas esmolas, fazia muito bem, mas o que não estava certo é que quisesse mandar na casa de cada um. Chegava a toda a parte: no carro ou montada ao lado do marido, não ficava casa nem cabana onde ela não metesse o nariz. Agora havia de ser o bom e o bonito! Pois se até já o patrão que não era muito dessas coisas, mas atazanado por ela, lhe dissera mais de uma vez:

—Homem... até parece malteres o teu rapaz por baptizar! E cada vez mais carrancudo o Zé Campino saltou para o barco com o filho e a água e pôs-se a remá-lo para os lados de Almeirim.

As crianças tinham recolhido aos seus quartos e adormecido e os pais, que liam o mesmo livro perto da lareira, entrelharam-se surpreendidos ao perceber, àquela hora, a aproximação de um carro de bois que, chiando, cortava o silêncio profundo da quinta.

Logo, alguém que vinha correndo gritava quasi sufocado:

—Patrão!... Patrão!... Ai que desgraça!...

Num minuto os dois esposos estavam no pátio e ordenavam aos serviçais, já todos a pé, o transporte dos corpos encharcados e inanimados do Zé Campino e do filhito a quem eles próprios, pouco depois, prestavam socorros e com excelente resultado.

O primeiro a falar foi o homem e a princípio, tantas eram as lamentações e os suspiros, que mal deixava entender o que dizia. Quanto à criança, um pouco afastada, mais perto do lume e como o pai estendida sobre um colchão que se trouxera à pressa para a ampla cozinha, respirava já regularmente e a cor arroxeadada do rosto e dos membros ia dando lugar a um tom rosado animador.

—Pois eu estou vivo, patrão?!... Ai!... Porque não morri eu também?... Porque fiquei no mundo sem o meu filho?...

—Mas o teu filho está vivo! atalhou o proprietário da quinta.

—Olhe, acudiu a esposa. Olhe como está ali sossegadinho a respirar tão bem como se nada lhe tivesse sucedido...

—Mas como é isto?... Como foi isto, Senhor?

E, já sentado na cama, o maioral da leztria esbugalhava os olhos e esfregava os ouvidos, com receio de não ver nem ouvir bem.

—Ah, patroa!... A modos que isto foi um milagre!... Pois já vínhamos lá muito embarcados quando me deu uma sezão ou não sei lá o quê... deixei virar o barco... e quando conseguí dettar a mão ao cachopo, vi-o mesmo em feitos de dar o último suspiro. Então... alembrei-me do que vossemecê me dizia sobre o baptizo... e que qualquer um de nós podia baptizar em perigo de morte... e meti esta mão na água... e tirei assim uma concha dela... botei-lha em rita da cabeça... e com a mão direita, como vossemecê explicou aqui há tempos, fiz-lhe uma cruz e disse a tremar, mas bem cruz de dentro: Manel, eu te baptizo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo!

—E agora, acrescentou com a voz embargada pelos soluços, agora que eu o julgava morto e que ele está vivo, ai o tem, patroa; faça dêle o que quiser.

A cheia não impedia já os trabalhos da leztria mas o Zé Campino cavalgava de madrugada para lá e voltava à noite para a quinta e ali estava com o filho, no seu modo de dizer, de pedra e cal.

Mais umas semanas, e o Manel era solenemente baptizado; mais uns meses, e o Zé Campino mudava de estado e encontrava na filha do caseiro da quinta uma digna substituta da sua boa Rita; mais uns anos, e o filho, que já era então o mais velho de três irmãozinhos, dava entrada, com um filho do patrão no Seminário onde ambos são hoje alunos distintos.

M. DE F.

Tiragem da «Voz da Fátima» em Dezembro

| | |
|-------------|--------|
| Algarve | 5.776 |
| Angra | 20.508 |
| Beja | 3.715 |
| Bragança | 87.179 |
| Bragança | 14.947 |
| Coimbra | 16.579 |
| Évora | 5.407 |
| Funchal | 18.894 |
| Guarda | 23.983 |
| Lamego | 13.021 |
| Lisboa | 16.594 |
| Lisboa | 11.648 |
| Portalegre | 11.161 |
| Póvoa | 61.414 |
| Vila Real | 30.702 |
| Viscu | 10.870 |
| 352.398 | |
| Estrangeiro | 3.709 |
| Diversos | 13.893 |
| 370.000 | |

Palavras mansas

Lição de mestre

Mais um ano que passou. Vão dar esta nova milenária aos seus leitores jornais, agendas e almanaques, desejando bem-estar, venturas, prosperidades.

Mais um ano, que as crianças contam com alegria e os velhos com tristeza, porque para eles o tempo parece que passa com uma velocidade assustadora. Sol poente e sol de inverno...

Uma pessoa do meu conhecimento, muito digna e respeitável, já em idade avançada, foi de visita à Terra Santa. A paixão e a morte de Cristo meditam-se melhor, com mais fruto espiritual, junto do Calvário e do santo sepulcro, sobretudo quando está perto o fim da vida toda repassada de dores e de desenganos...

Na volta, o peregrino tardio pensava insistentemente em viajar. — Preciso de ver, dizia ele, por esse mundo fora, coisas que, ainda não vi, e sem demora e para já, porque o tempo corre para mim singularmente apressado. Tão apressado, que já não distingo bem as estações em cada ano que passa.

Só não corre assim o tempo para os santos. Por muita idade que tenham, a libertação final, o estar plenamente com Cristo para eles tarda sempre.

Mais ou menos apressado, corre o tempo para todos, embora não se dê por isso. Importa, pois, grandemente aproveitá-lo, para que a vida possa dar, na verdade e no bem, um rendimento maior.

O utilitarismo inglês, que vive presentemente horas de amargo desencanto, costuma dizer que o tempo é dinheiro.

Sua majestade o dinheiro. Se o tempo fosse apenas isso, valeria afinal bem pouco. O tempo recomenda-se principalmente pelo seu valor moral, porque é para muitos luz, conselho, experiência, arrependimento, salvação.

É por isso que nunca se justifica a inacção, o desperdiçar do tempo. Num sermão inolvidável, que impressionou profundamente os escolares de Coimbra, disse Aires de Gouveia, então professor de direito:

—Quando não vê mais traça de defender-se, remata por último o jogador: que, jogando, busca matar o tempo. Matar o tempo! cruel sarcasmo atirado pela miséria humana à face divina. Matar o tempo! Queer com o vício aniquillar o tempo, que nos principia a aniquillar a nós logo desde o instante misterioso da concepção! Matar o tempo! o tempo

a eterna manifestação do ser sempiterno! a última reliquia a desaparecer na destruição total do universo!

Quem mata o tempo nos melhores dias da vida quasi sempre sente e lastima a falta dêle ao abeirar-se da morte. Agora é tarde, é muito tarde!

No último dia do ano, à meia noite, os lavradores da minha terra saem de casa para verem melhor o tempo. Se o céu está como uma espada nua, límpido e brilhante, por mais que o frio corte e a neve alveje na serra, esfregam as mãos de contentes. Bom sinal e bom agouro!

Permita Deus que comece bem o ano da graça de 1939. O de 1938 deixa poucas saudades.

Aqui perto, na Espanha, continua a luta da cruz cristã com a hístrela solitária. Arriba España! Ah! mas como custa a um povo erguer-se do atoleiro, em que o meteram culpas que se repetiam dia a dia e erros que vinham de longe!

Enfraqueceu profundamente a França a linha que os sem-pátria e sem-Deus opuseram constantemente à célebre linha Maginot. Velhos egoísmos políticos que se compraziam em falar duramente a toda a gente viram-se afinal reduzidos à impotência...

Morreu a Áustria de Francisco José e Dolfuss, tão falada na história. Remodelaram-se fronteiras, à má cara. A mística do racismo mostrou-se insolentemente ousada e desumana.

Por alguns dias inolvidáveis, esteve o mundo de oratório à espera doutra guerra, que Deus, servindo-se oportunamente dos homens, houvesse por bem conjurar. E o mais...

Ao lado de tudo isto, a crise do trabalho e do pão.

Ainda bem que Deus continuou a estar conosco na pessoa do seu Vigário. No ano findo, muitos homens diminuíram no conceito público e talvez até no conceito de si próprios. Mas Pio XI tornou-se maior com um ano a mais, depois de tantos.

Na iminência da guerra, apelou comovedoramente para a oração, potência desarmada, mas realmente invencível. Fêz a política da paz na justiça e na caridade. Condenou, com firmeza e desassombro, os erros e os desvarios dos homens.

Sem desfalecimentos, sempre no seu posto e alerta, vai-nos ensinando até o fim que o verdadeiro sentido da vida está na fé, na oração, no trabalho, no dever, no sacrificio.

Que o mundo, no novo ano, não esqueça esta lição!

Correia Pinto

FALA UM MÉDICO

XXXIII

A febre

A actividade vital do organismo do homem e dos animais inferiores traduz-se pelo desenvolvimento do calor.

Quando uma pessoa tem saúde, quer se esteja no verão, quer no inverno, a temperatura do seu corpo é sempre a mesma: colocando o termómetro debaixo do braço, êle marca 37 graus, quer estejamos em Agosto, com a temperatura ambiente de 40 graus, quer soframos os rigores do gelado mês de Janeiro. Uma pessoa com saúde, quer seja um trabalhador do campo a suar em bica, quer seja um mandrião deitado na cama, tem sempre 37 graus de temperatura.

O nosso organismo tem um complicado aparelho regulador, que não a deixa alterar, enquanto houver saúde.

Alguns animais, têm uma temperatura normal muito mais elevada que a nossa. Se apalparamos, por exemplo, uma galinha, notaremos que ela é muito mais quente que nós.

Quando somos afectados por certas doenças, a temperatura sobe: ao mesmo tempo, aumenta o número das pulsações e o número de movimentos respiratórios; a língua seca e o doente tem sede e falta de apetite. Tudo isto são sinais de febre. A febre não é propriamente uma doença, mas antes o processo com que o organismo procura defender-se dela.

Por esse motivo, nem sempre se deve combater a febre. Ela só é verdadeiramente nociva quando é muito alta ou ainda quando, a-pesar-de diminuta, se prolonga por muito tempo, como nos tuberculosos.

O tratamento racional dos febricitantes é uma tarefa delicadíssima cujo estudo e execução compete apenas ao médico.

Por isso, quando sobrevier febre, o doente deve meter-se imediatamente na cama, reduzir a alimentação a uns caldos ou a umas chicharas de leite e mandar chamar o médico.

F. L.